



**ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL NOSSA SENHORA APARECIDA –
AENSA
FACULDADE NOSSA SENHORA APARECIDA – FANAP
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MIRIAN FRANCISCA DA SILVA LOPES

**AS FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS QUE PROPICIAM NOVAS
PERSPECTIVAS PARA OS DISLÉXICOS NAS SÉRIES INICIAIS.**

**APARECIDA DE GOIÂNIA – GOIÁS
2018/2**

MIRIAN FRANCISCA DA SILVA LOPES

**AS FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS QUE PROPICIAM NOVAS
PERSPECTIVAS PARA OS DISLÉXICOS NAS SÉRIES INICIAIS.**

Artigo apresentado à Faculdade
nossa Senhora Aparecida - FANAP,
como requisito para obtenção do
título de licenciatura em Pedagogia,
sob orientação da Profa. Ma.
Luziene Soares Franzão.

**APARECIDA DE GOIÂNIA – GOIÁS
2018/2**

TERMO DE APROVAÇÃO

AS FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS QUE PROPICIAM NOVAS PERSPECTIVAS PARA OS DISLÉXICOS NAS SÉRIES INICIAIS

MIRIAN FRANCISCA DA SILVA LOPES

Este Artigo Científico foi apresentado no dia 12/12/2018 como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, tendo sido avaliado e aprovado pela Banca Examinadora composta pelos seguintes docentes:

Prof. M.e. Luziene Soares Franzão
Orientador (a) – FANAP

Prof. M.(a) Melissa Pereira David Sousa
Leitor (a) - FANAP

Prof. Dra. Maria Vany de Oliveira Freitas
Leitor (a) – FANAP

Dedico este artigo a minha sobrinha Karla Gabryela por me ensinar que as dificuldades não nos impedem de alçar grandes voos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus pela graça e a honra de concluir com alegria essa etapa da minha caminhada profissional e intelectual.

Agradeço profundamente a meu esposo Oscar Junior e meu filho Magdyell Wherdeman por me apoiar e incentivar a alcançar os meus sonhos e objetivos, compreendendo os momentos ausentes em que passei estudando.

Não poderia deixar de agradecer aos meus pais, meus fiéis escudeiros e motivadores da minha vida e carreira, por interceder pelo meu traslado todas as noites ao ir e vir da faculdade.

Aos meus familiares e amigos, que torceram e abrilhantaram essa etapa em minha jornada, deixo a minha gratidão.

Aos meus professores, agradeço cordialmente pelo carinho, pelas palavras motivadoras, pela atenção nos instantes de dúvidas, pela dedicação e o amor com o qual exercem vosso trabalho. Que Deus os conserve a vida e a saúde.

Enfim, a todos, muito, muito obrigado!

AS FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS QUE PROPICIAM NOVAS PERSPECTIVAS PARA OS DISLÉXICOS NAS SÉRIES INICIAIS

Mirian Francisca da Silva Lopes ¹

Luziene Soares Franzão ²

RESUMO: Este artigo aborda a importância das práticas pedagógicas que proporcionam aos indivíduos disléxicos ainda nas séries iniciais novas perspectivas diante dos desafios que enfrentam diariamente. Ainda, discorre sobre a história da Dislexia, as definições adotadas por autores renomados como Fonseca, Carvalho, Oliveira, entre outros. Destaca ainda sinais e sintomas da dislexia que se apresentam nas crianças a partir dos três anos de idade, porém nota-se com maior nitidez na fase de alfabetização, podendo ser diagnosticado aos cinco anos de idade. Neste presente estudo, foram analisados dados estatísticos brasileiros sobre a Dislexia no Brasil durante os anos de 2013 a 2016 apontando como sendo a principal causa à hereditariedade e com mais casos a classe masculina. Foi realizado um estudo de caso de um estudante disléxico na cidade de Goiânia - GO. Na parte final do artigo refere-se às possíveis metodologias a serem desenvolvidas nas instituições escolares e o papel do professor em colaborar no processo de ensino e aprendizagem de seus alunos de maneira inclusiva e eficaz disseminando a cultura de que o educador deve propiciar metodologias e ambiente propício para o desenvolvimento integral dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Assim, os disléxicos terão segurança para assumir o seu papel na sociedade, na comunidade e nos grupos onde está inserido e alcançar grandes voos.

Palavras-chave: Dislexia. Dificuldade de aprendizagem. Recursos pedagógicos.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa pretende compreender a importância dos recursos e metodologias pedagógicas oferecidas pelo professor, para concretização do processo de ensino e aprendizagem de um aluno com dislexia.

Buscará também entender como o olhar clínico em parceria com o pedagógico e linguístico contribuem para um bom desempenho escolar desses alunos, com grande chance de sucesso pleno, se obtiverem orientação correta e acompanhamento adequado.

Serão explanados os sintomas e os sinais que facilitam compreender a dislexia e a determinar as ações a serem efetivadas, conforme o comportamento apresentado pelos alunos, aperfeiçoando o processo de ensino e aprendizagem.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da FANAP.

² Orientadora Profa. Ma. Luziene Soares Franzão.

Também tem como objetivo, compreender como a dislexia apresenta, suas possíveis origens e como a equipe escolar pode amenizar a dificuldade de aprendizagem dos alunos com esse transtorno.

Uma dos objetivos deste trabalho é ampliar o olhar pedagógico em relação ao processo de ensino e aprendizagem dos alunos que apresentam o transtorno de dislexia, colaborando para o desenvolvimento integral desses alunos, muitas vezes, tachados, no senso comum, como “preguiçosos, desinteressados, entre outros”, e os inibem ainda mais.

Os recursos pedagógicos associados à interação da equipe escolar, especialistas, como neuropediatra, psicólogo e fonoaudiólogo, e a família terão maior efetividade se trabalharem unidos em prol do progresso do estudante.

Problemas de aprendizagem são temas atuais e discutidos por vários profissionais que buscam diluir alguns tabus e proporcionar esclarecimento a sociedade. Com base nessas perspectivas indagamos: Quais são os recursos que os professores utilizam para facilitar o processo de ensino e aprendizagem de alunos com dislexia?

As dificuldades de aprendizagem são temas recentes de estudos que buscam compreender os sintomas e suas especificidades tanto no âmbito educacional quanto social. Quanto à dislexia, qual a sua origem? Quando é desenvolvido esse transtorno? Quando ele se apresenta? Sua origem é biológica, em muitos casos tem-se a predisposição genética, portanto, nasce-se assim.

Segundo Davis (2004), os sintomas da dislexia são apresentados e desenvolvidos a partir dos três anos de idade. Podendo ser diagnosticado somente depois dos cinco anos de idade, a partir da alfabetização, onde ocorrem as maiores evidências do transtorno de aprendizagem.

Ainda nessa perspectiva, o professor deve estar preparado para auxiliar o aluno que apresentar tais sintomas ou até mesmo laudo médico. Portanto, quais são os recursos que podem ser utilizados para favorecer a aprendizagem sem que essa seja traumática e dolorosa para o aluno? Apresentando ao aluno recursos visuais, jogos, entre outros, que facilitarão a decodificação da aprendizagem.

Justifica-se esse trabalho pela importância dos professores mediar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos com transtorno de dislexia nas

séries iniciais através de recursos visuais, orais, jogos, entre outros, afim de que possam conviver com esta dificuldade de modo produtivo.

Espera-se que esta pesquisa possa colaborar cientificamente para pesquisadores que venham a se interessar por este tema. Também, pretende-se explanar e sanar dúvidas relacionadas a esta temática, haja vista, a relevância desse assunto para os profissionais da área educacional que se desdobram para favorecer a aprendizagem com significado e que muitas vezes precisam ampliar o seu conhecimento, fazendo-os através de leituras de textos acadêmicos.

O presente tema foi escolhido, principalmente, pela existência de um caso na família da autora e ampliado pela análise do filme “Como estrelas no céu”, onde se evidencia a importância do olhar humanístico sobre o aluno e a eficácia das metodologias aplicadas em sala de aula para uma mudança de comportamento e o florescimento intelectual do aluno para si mesmo e para a sociedade.

Atualmente, fala-se muito em inclusão em todos os ambientes. Para que este espaço seja realmente ocupado é necessário que, anteriormente, o indivíduo receba um ensino de qualidade e de alta eficácia, tendo assim segurança para assumir o seu papel na sociedade, na comunidade onde está inserido. Para tanto, o papel do professor é de suma importância, pois é dele que depende, em grande número, o futuro dos alunos que tem alguma dificuldade de aprendizagem.

Pesa sobre o professor o sucesso dos alunos, por isso é relevante que ele tenha conhecimento sobre as dificuldades de aprendizagem e tenha metodologias e recursos diversos para que o aprendizado desses alunos seja realmente satisfatório.

O objetivo desta pesquisa é compreender quais são as ferramentas pedagógicas utilizadas por professores para amenizar a dificuldade de aprendizagem de crianças que apresentam o transtorno de dislexia nas séries iniciais.

Para abordagem dessa temática será empregado o estudo bibliográfico que corresponde à pesquisa de fonte confiável, de trabalhos científicos pertinentes ao assunto a ser abordado. Ou seja, este trabalho buscará realizar uma análise, que segundo Carvalho (2004) corresponde a uma pesquisa em referências publicadas que trouxeram contribuições científicas, fornecendo à pesquisa bagagem teórica, conhecimentos e habilitações para produção deste trabalho.

Também será utilizado o estudo de caso que consiste numa pesquisa de campo, por meio de análise da anamnese do indivíduo, acompanhamento de leituras, observação das metodologias do professor e observação do comportamento e interação do aluno mediante a apresentação dos recursos utilizados na mediação da aprendizagem. Esse estudo de caso foi realizado em uma escola particular no município de Goiânia com uma criança de 10 anos de idade. Nesta análise foi observado o seu comportamento em sala de aula, como é a socialização dele com os colegas, como ele reage diante das atividades do professor. Também foram analisadas as anamneses do aluno quando foi indicado aos pais um acompanhamento clínico e a necessidade de um olhar diferenciado para as dificuldades que o aluno apresentava. Além disso, foi possível participar das mediações realizadas com jogos pedagógicos onde a interação entre os alunos favorece a aprendizagem de todos.

O estudo de caso, segundo Oliveira (2018), pode ser conceituado como um método qualitativo com o objetivo de aprofundar o conhecimento de uma unidade individual, coletiva ou social e também, com a finalidade de responder questionamentos do pesquisador. Esta metodologia de estudo de caso constitui-se por meio de coleta e análise de dados, sendo esta ferramenta utilizada para compreender a motivação de determinadas decisões e o comportamento diante de algumas situações.

Assim, ambos os estudos são importantes para a argumentação teórica e prática, com bases sólidas e significativas na construção de um projeto de conclusão de curso ou mesmo em pesquisas científicas diversas.

Para melhor compreensão do tema, este artigo se divide em três capítulos, sendo abordado no primeiro, o histórico e definições da dislexia, no segundo, sintomas, sinais e dados estatísticos da dislexia no contexto brasileiro e, no terceiro, o estudo de caso e utilização de ferramentas pedagógicas.

I. Histórico e definições

O termo dislexia foi usado pela primeira vez por Rudolf Berlin, em 1887, um oftalmologista alemão. Porém, no ano de 1881, a dislexia já havia sido identificada por Berklan. Outro oftalmologista que também se interessou pela dislexia foi James Hinshelwood, um escocês, que publicou uma monografia com o título: “Cegueira

verbal congênita”, onde levantava a hipótese do problema da dislexia ser hereditário e não orgânico, como defendido por outros estudiosos da época. Ambos os autores citados, defendiam a perspectiva que a dificuldade de ler e escrever não estavam nos olhos, mas sim no funcionamento de áreas de linguagem do cérebro, deixando claro que não são os olhos que leem, mas o cérebro. (MELO, 2012)

As possíveis causas da dislexia, na área médica, eram alvo de estudos em cérebros pós-morte, que buscavam explicações físicas, biológicas, como uma lesão, um traumatismo que padronizasse a conjuntura cerebral e fosse possível diagnosticar. No entanto, casos em crianças entre 12 e 14 anos apareceram, ampliando a área de pesquisa para a fase infantil. Durante o estudo desses casos, pôde-se apurar que o desenvolvimento cerebral, a coordenação motora, a sensorial, a intelectual e emocional são consideradas normais em crianças que apresentam o transtorno. Elas apenas apresentavam a dificuldade de ler, escrever e soletrar. (ORTON, 1925 apud MELO, 2012)

No ano de 1925, Samuel Orton, médico anatomista, um dos primeiros pesquisadores da dislexia, concluiu que as dificuldades de leitura, apresentadas em pessoas que não foram vítimas de traumatismo neurológico, se tratavam na realidade, de uma síndrome chamada por ele de “Símbolos invertidos”. Orton não se preocupou apenas com as causas da síndrome, também estava buscando procedimentos que reduzissem tais dificuldades. (NICO, 2018)

Desde então, muitos pesquisadores se interessaram por este transtorno e suas possíveis causas. Atualmente, a pesquisa se concentra na área psiconeurológica, baseada no tamanho do lobo temporal esquerdo e direito. Algumas conclusões foram levantadas, incluindo que a parte cerebral responsável pela análise das palavras e a leitura automática se concentram no lado esquerdo. Os disléxicos não conseguem acessar essa parte cerebral e recorrem ao lado direito que dá pistas visuais para concluir uma leitura.

Um fato interessante sobre os disléxicos é que o lado artístico se desenvolve com muita facilidade. Apresentam grande entusiasmo e conseguem realizar muitos feitos na área ligada à Arte. Davis (2004) explica que por forçar o lado esquerdo para desenvolverem a leitura, o cérebro acaba buscando recursos no lobo temporal direito o que aumenta a facilidade em encenar, em dirigir, em criar, em produzir, entre outros. Como exemplos, podem-se citar grandes famosos como Tom Cruise,

Albert Einstein, Thomas Edison, Leonardo da Vinci, Walt Disney, Vincent Van Gogh, John Lennon, Harrison Ford, Henry Ford, entre outros, que possuem o Transtorno da Dislexia, porém não se fecharam às dificuldades e tiveram grande êxito no campo artístico.

Segundo Coelho (2018), as causas da dislexia ainda são alvo de estudo, pois diversos autores não tem um conceito comum quanto a sua real origem. Para alguns a dislexia está relacionada a perturbações múltiplas. No entanto, no âmbito da genética, há uma defesa que essas causas são hereditárias porque nos estudos é comprovada a existência de um parente próximo com o mesmo diagnóstico. Para alguns autores a dislexia tem sua origem, ou sua falha nos cromossomos 6 a 15 e também no cromossomo 2.

De acordo com Orton (ORTON, 1925 apud MELO, 2012) o conceito de dislexia é:

“Uma dificuldade acentuada que ocorre no processo da leitura, escrita e ortografia. Não é uma doença, mas um distúrbio com uma série de características. Ela torna-se evidente na época da alfabetização, embora alguns sintomas já estejam presentes em fases anteriores. Apesar de instrução convencional, adequada inteligência, e oportunidade sócio cultural e sem distúrbios cognitivos fundamentais, a criança falha no processo da aquisição da linguagem.”

Seguindo o mesmo pensamento de Orton, em 2012 Figueira explica que dislexia não é uma doença e sim um distúrbio de ordem congênita hereditária com diferentes níveis, podendo ser leve, moderado ou severo. Também esclarece que não há cura. Entretanto, com o apoio de uma equipe multidisciplinar, a criança portadora de dislexia pode “caminhar com as próprias pernas”.

Moura (2013) justifica a dislexia por falha nas conexões cerebrais, porém deixa claro que o cérebro é normal, e acha difícil um diagnóstico preciso antes do início da alfabetização nas séries iniciais. Ela também orienta os professores a explicar aos pais o conceito de dificuldade de aprendizagem e promover estratégias fáceis e simples para os alunos com tais diagnósticos.

Para Fonseca (2011), o conceito básico de dislexia se expressa na dificuldade de fala ou da dicção, ainda, na dificuldade de reconhecimento das palavras e na capacidade de decodificação delas. Portanto, fortalece a ideia de que as metodologias utilizadas no processo de ensino de disléxicos devem ser mediadas

por recursos que corroborem com o desenvolvimento da leitura, da fala e da oralidade.

Ainda Cândido (2013) conceitua dislexia como dificuldade de ler, interpretar e escrever e cita que sua origem é alvo de estudos podendo estar relacionada à genética e à neurobiologia.

Portanto, estes são os teóricos que dão sustentação a esta pesquisa que busca compreender as peculiaridades do transtorno de dislexia e suas possíveis intervenções pedagógicas para desenvolvimento integral e diversificado desses alunos.

II. SINTOMAS, SINAIS E DADOS ESTATÍSTICOS DA DISLEXIA NO CONTEXTO BRASILEIRO.

De acordo com o dicionário mini Aurélio (p.639), sintoma é a manifestação subjetiva de doença. Portanto, é o ato de manifestação de mudanças orgânicas ou funcionais em um indivíduo, ou seja, indica que algo não está bem. Assim, esses sinais ou sintomas auxiliam para um diagnóstico exato.

A dislexia apresenta sinais e sintomas característicos, os principais e mais comuns se apresentam na expressão oral, na escrita e leitura e às vezes em outras competências. (COELHO, 2018)

Na expressão oral, a criança tem dificuldade em pronunciar e aprender as palavras. Não consegue escrever o que pensa, nem transmitir sua mensagem, pois possui um vocabulário curto.

Ainda de acordo com Coelho (2018), na escrita o indivíduo tem dificuldade em relacionar grafema-fonema, ou seja, não possui habilidade de tradução dos sons em letras e das letras em sons, troca algumas letras, como b por d, v por f, m por n, entre outros. Tem uma leitura silabada, soletrada, lendo sempre palavra por palavra, e nas leituras silenciosas apenas balbuciam os lábios. Com facilidade se perdem na leitura, uma vez que a leitura não é linear para os disléxicos. Também apresentam falhas na interpretação textual, na construção de redações suas ideias ficam confusas e custam a aprender rimas.

Em outras competências, a criança demonstra pouca habilidade em memorizar nomes, lugares onde guardou um objeto, sequência de fatos, dias da semana, datas e horários. Tem dificuldade com: a matemática (principalmente com a tabuada,

podendo ser relacionada à Discalculia), a lateralidade, por exemplo, saber qual é a esquerda ou direita e tem pouca destreza manual, os pontos cardeais, em aprender uma segunda língua e alguns apresentam grande obstáculo em escrever, suas letras ficam ilegíveis (apresentando também a disgrafia). (COELHO, 2018)

Assim, os sintomas e sinais da dislexia podem estar relacionados a outros Transtornos de Aprendizagem como a Disgrafia (letras ilegíveis), a Discalculia (dificuldade em cálculos) e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, mais conhecido como TDAH.

Segundo a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA), o transtorno (TDAH) se caracteriza por desatenção, hiperatividade ou impulsividade e inquietude. Na escola, o indivíduo tem dificuldade de relacionar-se com os colegas, com os pais e até com os professores. Essas crianças ficam conhecidas como estabanas, desatentas, ligadas por um motor, avoadas, entre outros, ou seja, elas são inquietas, possuem memória curta, não conseguem avaliar o seu comportamento e por isso afetam os demais a sua volta. Existem estudos que apontam possíveis causas como: ingestão de bebidas alcoólicas na gravidez, sofrimento fetal, exposição ao chumbo, problemas familiares e hereditariedade.

Alguns sinais do TDAH se confundem e se misturam com os da dislexia, por isso é importante o acompanhamento da família, da escola e dos profissionais para lidar com esses transtornos e auxiliar a criança de maneira satisfatória e que diminua a tensão que é predisposta nela.

A Associação Brasileira de Dislexia realizou entre 2013 a 2016 uma pesquisa estatística de Avaliações Multi e Interdisciplinares, onde apurou que 56% dos entrevistados são disléxicos. Desses casos, 17% são do grau leve, 42% do grau moderado e 41% possui o grau severo. A dislexia se apresenta em graus, sendo eles: leve, moderado e severo. A incidência é maior no gênero masculino com 67% dos casos. Os antecedentes familiares e a hereditariedade são os fatores mais comuns para a causa da dislexia chegando a 84% dos pesquisados. No processamento auditivo, 79% não apresentam nenhuma alteração, no processo visual 90% dos pesquisados tem uma boa visão e nas avaliações neurológicas 98% não tem alteração no sistema cerebral, segundo os exames complementares.

Com todos esses sinais e sintomas, o disléxico, segundo Davis (2004, p. 33), compartilham de oito habilidades em comum.

“Aqui estão as habilidades básicas de que todos os disléxicos compartilham:

1. São capazes de utilizar seu dom mental para alterar ou criar percepções (a habilidade primária).
2. São altamente conscientes do meio ambiente.
3. São mais curiosos que a média.
4. Pensam principalmente em imagens, em vez de palavras.
5. São altamente intuitivos e capazes de muitos insights.
6. Pensam e percebem de forma multidimensional (utilizando todos os sentidos).
7. Podem vivenciar o pensamento como realidade.
8. São capazes de criar imagens muito vívidas.”

Com todos esses dados é necessário enfatizar a importância do acompanhamento e do olhar amoroso sobre as crianças que dão essas pistas, esses sinais de que algo está acontecendo e que elas precisam de ajuda, que elas não são “avoadas”, “preguiçosas”, “estabanadas” por quererem, pelo contrário, é nesse momento em que elas estão dizendo que precisam de ajuda e uma equipe competente dará o suporte necessário se tiverem conhecimento dessas características, aqui apresentadas.

III. ESTUDO DE CASO E UTILIZAÇÃO DE FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS

Depois de uma avaliação por uma equipe multidisciplinar é necessário intervir no processo de ensino e aprendizagem das pessoas com Dislexia. As intervenções são adequadas a cada caso com o objetivo de minimizar o insucesso e proporcionar aos disléxicos novas perspectivas diante a aprendizagem, facilitando a caminhada deste.

Uma das metodologias que podem ser adotadas pelos professores é o uso de tarefas de acordo com o nível do aluno, para que o indivíduo obtenha autoconfiança e segurança para realizar as atividades a ele apresentadas. Outras ferramentas pedagógicas que darão outras perspectivas aos disléxicos são a utilização de planilhas com menos escrita e mais diagramas e imagens, pois, como explanado anteriormente, os disléxicos dão significado às palavras quando associado a imagens, ao visível, ao imaginário-concreto. É importante dar valor às respostas corretas e orais do aluno, considerar seu esforço em se fazer entender e se concentrar nos assuntos abordados. Recompensá-lo diante de seus êxitos o dará segurança e o incentivará a continuar esforçando e a superar suas dificuldades. (COSTA, 2018)

Diante das possíveis estratégias a serem aplicadas com alunos que apresentam transtornos de aprendizagem, a presente pesquisa buscou realizar um estudo de caso a fim de ampliar os conhecimentos *in loco*, através da pesquisa de campo, das metodologias pedagógicas que poderão ser praticadas em sala de aula para com os alunos com dislexia.

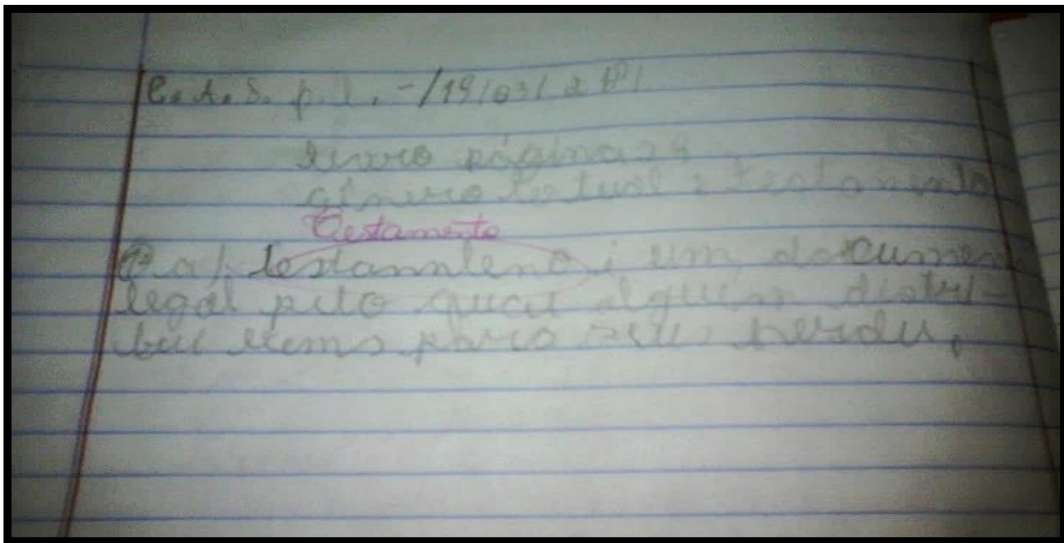
O estudo de caso ocorreu no município de Goiânia em uma escola particular. Foram analisadas as atividades, a leitura, as dinâmicas do professor, a escrita e a socialização do aluno com o diagnóstico de Dislexia. Além desses, foi realizada a uma análise da anamnese do aluno quando diagnosticado.

O aluno G.O.M., de 10 anos, estuda no 5º ano do Ensino Fundamental I. Estuda na escola desde o 1º ano fundamental, tem acompanhamento profissional de uma professora particular que auxilia nas atividades de casa e não é repetente. No terceiro ano do ensino fundamental I o aluno apresentava sinais e sintomas, como letra ilegível, leitura silabada e demorada, desorganização, teve dificuldade com a consciência fonológica, frustração com as dificuldades, dificuldades em compreender conceitos, uso do dedo como apoio na leitura, dificuldade de expressar-se e “prefere ver-se livre das atividades” segundo análise da anamnese.

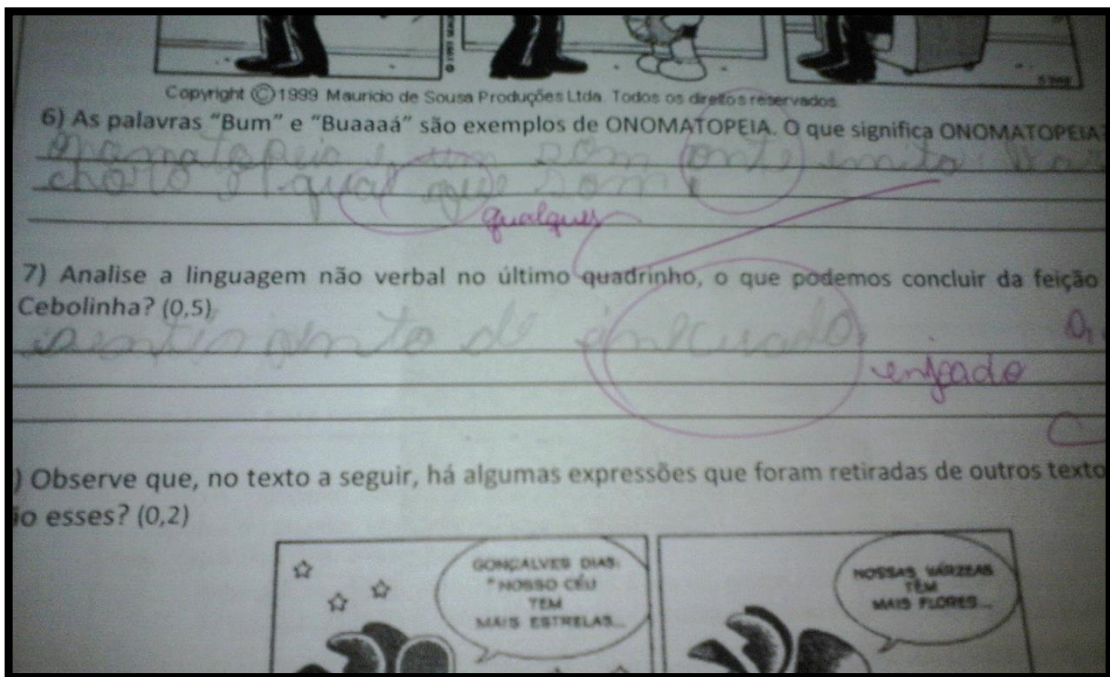
Conforme analisado e relato da mãe, o aluno realizou exame médico que constataram normalidade no exame oftalmológico e não houve otite na infância. Porém, faz acompanhamento com o neurologista a um ano. O aluno foi atendido por uma equipe multidisciplinar depois de avaliações diagnosticou-o como portador do Transtorno de Dislexia.

Desde então, uma equipe competente o atende com o objetivo de minimizar os desafios e auxiliá-lo no processo de aprendizagem, tanto na instituição escolar quanto fora dela.

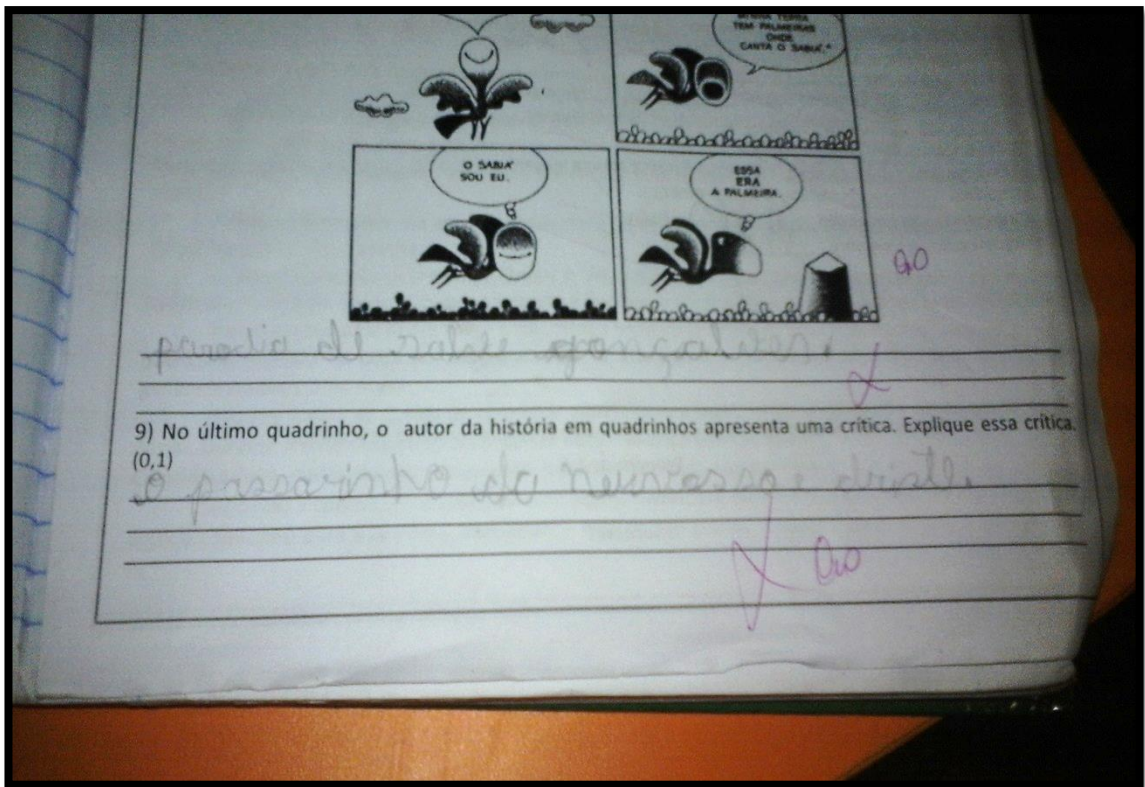
Ainda assim, o aluno G.O.M apresenta troca de letras, como citado nos sinais e sintomas, em palavras como: “driste” que deveria ser triste; “inecuado” que seria enjoado; “bonto” que seria ponto; “cairan” que deveria ser caíram; “bems” que seria bens; “emplestei” que deveria ser emprestei, como podemos observar nas imagens abaixo.



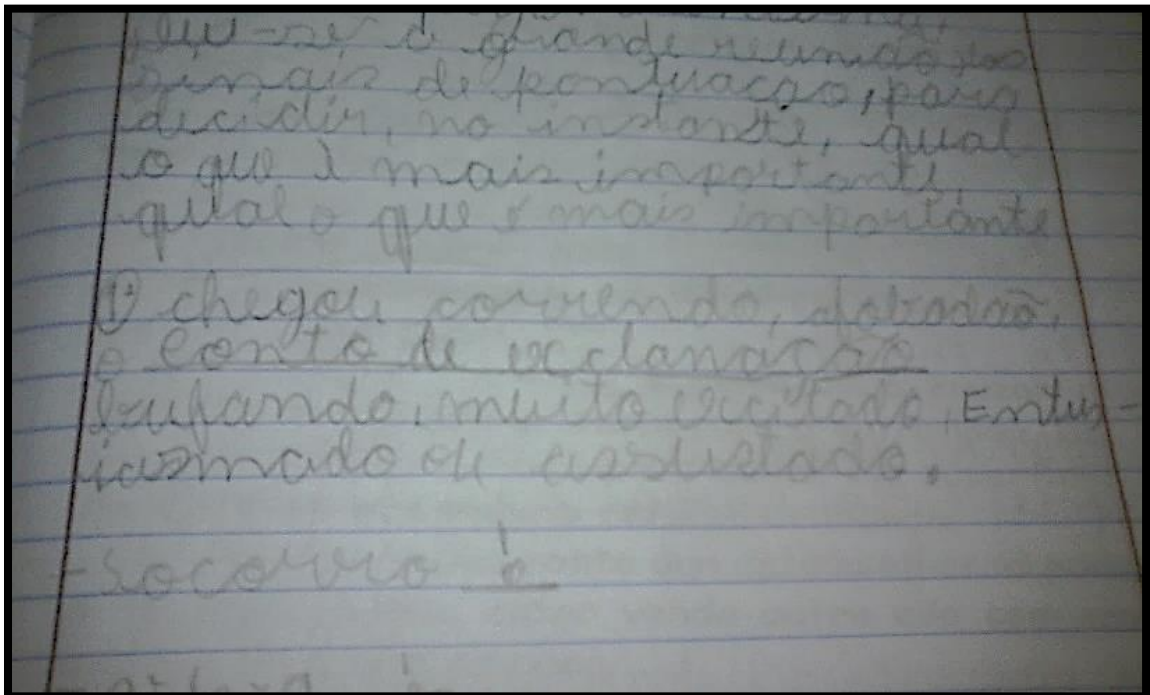
FONTE: Caderno do aluno



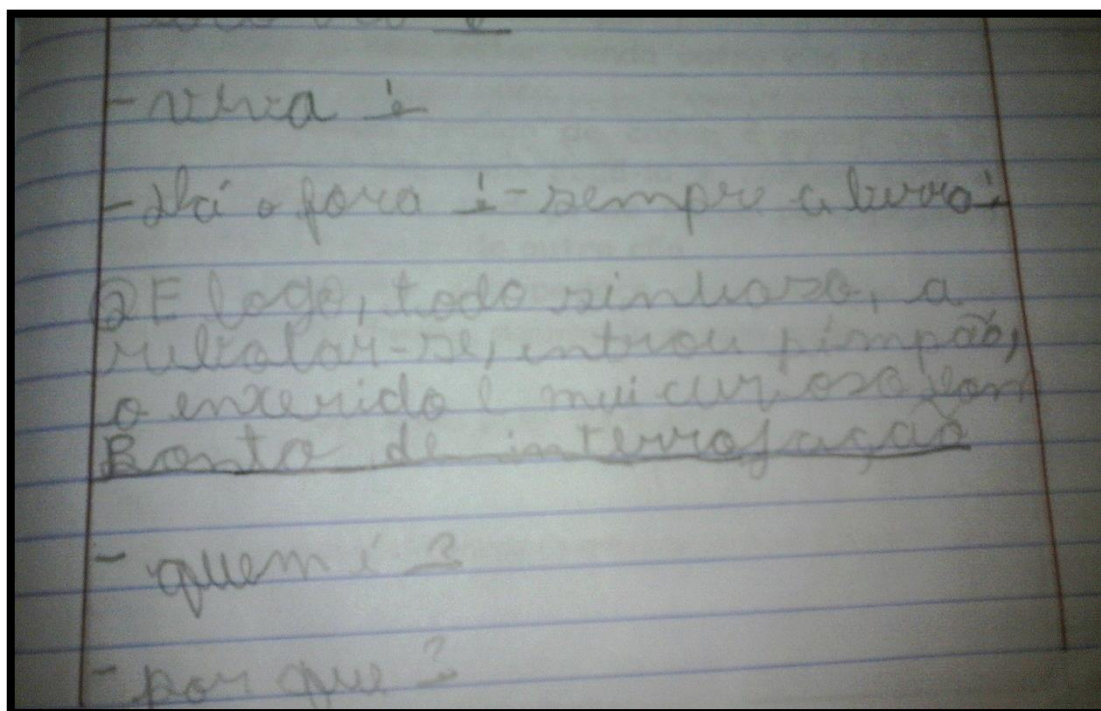
FONTE: Avaliação do aluno



FONTE: Avaliação do aluno



FONTE: Caderno do aluno



O aluno G.O.M. se socializa com os colegas de mesma idade, mais ainda é introvertido. Quando solicitado a ler não expressa resistência, apesar da sua leitura ainda não ser fluente. Durante a leitura suprime alguns sinais de pontuação, faz substituições, acréscimos ou omissões de letras. Diante das atividades propostas pela educadora se mostra mais seguro, receptivo e entusiasmado em realizá-las.

A professora busca incentivá-lo por meio de recadinhas no caderno, felicita-o quanto ao seu esforço em realizar as atividades propostas, leva para sala de aula jogos pedagógicos, como silabário móvel e realiza ditados. Disponibiliza pequenos textos para leitura. Faz uso de jogos matemáticos nas aulas e conta com o acompanhamento pedagógico escolar.

Ainda, os alunos realizam encenações sobre o conteúdo, constroem maquetes e realizam pesquisas na própria instituição sobre conteúdos que estão sendo abordados e depois em uma roda de conversa explicam o que compreenderam. Ampliando assim as perspectivas para uma aprendizagem eficaz.

Segundo Leila Martins da Silva (2012) e Paula Teles (2004), o educador deve utilizar em suas aulas metodologias onde sejam utilizados cartazes, dramatizações, ludicidade, material dourado, musicalização, materiais concretos que sejam manuseados em sala que estimulem os sentidos dos indivíduos, entre outros.

Garantindo a aprendizagem de todos, independentemente das dificuldades de aprendizagem, cultura ou conhecimento prévio dos alunos.

Silva (2012) ainda enfatiza a importância do papel do professor no processo de ensino aprendizagem dos alunos e para aquisição da criatividade dos mesmos através da licenciatura, pois o professor critica, incentiva, observa e deve motivar esse desenvolvimento tornando-o acessível e prazeroso para os envolvidos.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi apresentar o Transtorno de Dislexia e a importância dos recursos e metodologias pedagógicas oferecidas pelo professor, para concretização do processo de ensino e aprendizagem de alunos com esse transtorno.

Para que a inclusão seja realmente efetiva é necessário que, anteriormente, o indivíduo receba um ensino de qualidade e de alta eficácia, tendo assim segurança para assumir o seu papel na sociedade, na comunidade onde está inserido. Para tanto o papel do educador deve propiciar metodologias e ambiente propícios para o desenvolvimento integral dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Para abordagem desse trabalho foi utilizados a pesquisa bibliográfica de fontes seguras e estudo de caso de um aluno do 5º ano do Ensino Fundamental I da rede particular na cidade de Goiânia.

Na história da Dislexia, alguns autores como Beklan e Berlin defendiam a perspectiva que a dificuldade de ler e escrever não estavam nos olhos, mas sim no funcionamento de áreas de linguagem do cérebro, deixando claro que não são os olhos que leem, mas o cérebro.

Um dos conceitos de Dislexia, segundo Fonseca (2011), se expressa na dificuldade de fala ou da dicção, ainda, na dificuldade de reconhecimento das palavras e na capacidade de decodificação delas.

Conforme os dados obtidos, a causa de Dislexia é mais comum em indivíduos do sexo masculino, as causas mais evidenciadas se explicam na hereditariedade e os sinais e sintomas mais notados são: na escrita, o indivíduo tem dificuldade em relacionar grafema-fonema, ou seja, não possui habilidade de tradução dos sons em letras e das letras em sons, troca algumas letras, como b por d, v por f, m por n,

entre outros. Tem uma leitura silabada, soletrada, lendo sempre palavra por palavra, e nas leituras silenciosas apenas balbuciam os lábios. Com facilidade se perdem na leitura, uma vez que a leitura não é linear para os disléxicos. Também apresentam falhas na interpretação textual, na construção de redações suas ideias ficam confusas e custam a aprender rimas.

Ainda, os sinais e sintomas ficam mais evidentes na fase de alfabetização, podendo ser diagnosticado somente depois dos cinco anos de idade. Porém, alguns sinais já podem ser notados a partir dos três anos de idade.

Como vimos, as ferramentas pedagógicas que propiciam novas perspectivas para os disléxicos nas séries iniciais são as que propiciam momentos de interação e de divertimento entre o instrumento de ensino e o aluno. As práticas educacionais que podem ser utilizadas pelos professores dependerá da realidade da escola e da especificidade de cada dificuldade encontrada na sala de aula.

No entanto, respeitando o tempo de aprendizagem de cada aluno, enfatiza-se a importância de providenciar metodologias eficazes que estimulem a aprendizagem e minimizem as dificuldades e decepções que enfrentam nos desafios diários ainda nas séries iniciais, como: cartazes, dramatizações, ludicidade, material dourado, musicalização, jogos matemáticos, adivinhações, jogos de memória, materiais concretos.

O acompanhamento familiar e de uma equipe multidisciplinar é importante para que todas as possíveis lacunas sejam preenchidas para que de fato o processo de ensino e aprendizagem seja integral. Pois, “Quando alguém domina algo, isto passa a fazer parte dessa pessoa. Isto se torna parte do processo do pensamento e do processo criativo do indivíduo (DAVIS, 2004)”.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Luciana Mendonça. MOUSINHO, Renata. CAPELLINI, Simone. **Dislexia: novos temas, novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

ABDA, Associação Brasileira de Dislexia-. Gráficos Estatísticos de Dislexia, 2013 a 2016. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br/category/artigos/dislexia/estatisticas/>. Acesso em: 31 de agosto de 2018.

CÂNDIDO, Edilde da Conceição. **Psicopedagogia para a dislexia nas séries iniciais do ensino fundamental**. Especialização em Psicopedagogia. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2013.

Disponível

em: https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T208833.pdf. Acesso em: 20/11/2018.

CARVALHO, Daniel; CARNEIRO, Rafael; MARTINS, Helen Fernanda Alves; SARTORATO, Eduardo. **Pesquisa Bibliográfica, 2004**. Disponível em: <http://pesquisabibliografica.blogspot.com.br/2004/06/conceito-e-definio.html>. Acesso em: 04 de abril de 2018.

COELHO, Diana Tereso. **Dificuldades de aprendizagem específicas: Dislexia, Disgrafia, Disortografia, Discalculia, 2018**. Disponível em: <http://www.ciec-uminho.org/documentos/ebooks/2307/pdfs/8%20Inf%C3%A2ncia%20e%20Inclus%C3%A3o/Dislexia.pdf>. Acesso em: 02 de setembro de 2018.

COSTA, Danielle de Souza. **Aprendizagem de A a Z: Dislexia, 2018**. Disponível em:

<https://www.pearsonclinical.com.br/cartilhadeaprendizagem/download?file...Dislexia>. Acesso em: 11 de setembro de 2018.

DAVIS, Ronald D. **O dom da dislexia**. Rio de Janeiro: Editora ROCCO. 2ª ed., 2004.

DIAS, Ana Paula Botelho Henrique. MAIA, Heber. **Neurociência e desenvolvimento cognitivo**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

DUARTE, Anne Caroline. SOUZA, Calixto Junior. **Intervenções pedagógicas em alunos com dislexia**. Disponível em: http://www.cap.uerj.br/site/images/stories/noticias/23-duarte_e_souza.pdf. Acesso em: 27 de novembro de 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **MiniAurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FIGUEIRA, Guilherme Luiz Mascarenhas. **Um olhar psicopedagógico sobre a dislexia**. Especialização em Psicopedagogia. Universidade Cândido Mendes. Niterói: RJ. 2012: Disponível em: https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N204682.pdf. Acesso em 20/11/2018.

FONSECA, Rosamaria Maria Reboredo Martins da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FONSECA, Rosamaria Maria Reboredo Martins da. **O desenvolvimento da competência linguística na Dislexia**. Especialização em Psicopedagogia Institucional. Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro: RJ. 2011. Disponível em: https://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/G200735.pdf. Acesso em: 19/11/2018.

MELO, Conceição. **Breve histórico da Dislexia, 2012.** Disponível em: <http://melofreud.blogspot.com/2012/06/breve-historico-da-dislexia.html>. Acesso em: 30 de agosto de 2018.

MOURA, Suzana Paula Pedreira Tavares de. **A dislexia e os desafios pedagógicos.** Especialização em Orientação Educacional e Pedagógica, 2018.

NICO, Maria Angela Nogueira. História da Dislexia, 2018. Disponível em: <http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2010/06/historia-da-dislexia.pdf>. Acesso em: 31 de agosto de 2018.

OLIVEIRA, Emanuelle. **Estudo de caso, 2001.** Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociedade/estudo-de-caso/>. Acesso em 04 de abril de 2018.

SIGNOR, Rita. Dislexia: uma análise histórica e social, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v15n4/1984-6398-rbla-15-04-00971.pdf>. Acesso em: 30 de agosto de 2018.

SILVA, Leila Martins da. **Alunos disléxicos e as práticas pedagógicas, 2012.** Disponível em: <http://www.webartigos.com.br/artigos/alunos-dislexicos-e-a-pratica-pedagogica/100308>. Acesso em: 27 de novembro de 2018.

TELES, Paula. **Dislexia: como identificar? Como intervir?, 2004.** Revista Portuguesa de Clínica Geral, Dezembro de 2004.